

Expectativas de casamentos frustradas e a morte suicida como desfecho:

análise de inquéritos policiais por suicídios da cidade de Castro/Paraná do início do século XX



RESUMO

O casamento heteronormativo e monogâmico com fins reprodutivos era entendido como possibilidade de mudança de status na cidade de Castro/Paraná, no início do século XX. Além da construção social do amor romântico havia uma busca pela adequação social com o casamento, a partir do qual as mulheres poderiam assumir o papel de respeitáveis esposas e mães, e os homens passavam a ser considerados chefes de família. A análise de inquéritos policiais por suicídios que teriam ocorrido naquela cidade no período em questão contribui para refletir sobre o peso que o casamento tinha como objetivo de vida, pois a frustração dos planos de consumá-lo foi apontada como motivação para atos suicidas. A construção social do amor romântico e a imposição do casamento como sinônimo de respeitabilidade social, que revela também os estereótipos de gênero de uma sociedade, pode ter causado e pode ainda causar dor, sofrimento e desejo de morte.

Palavras-chave: Suicídio; Inquéritos policiais; Amor romântico; Casamento; Estereótipos de gênero.

* Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente, é professora do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Nova Andradina. CV: <http://lattes.cnpq.br/2680166742315032>



Expectations of frustrated marriages and suicidal death as an outcome: analysis of police investigations into suicides in the city of Castro/Paraná in the early 20th century

ABSTRACT

Heteronormative and monogamous marriage for reproductive purposes was understood as a possibility of changing status in the city of Castro/Paraná at the beginning of the 20th century. In addition to the social construction of romantic love, there was the search for social adequacy with marriage, from which women could assume the role of respectable wives and mothers, and men began to be considered heads of the family. The analysis of police inquiries about suicides that would have occurred in that city in the period in question contributes to reflect on the weight that marriage had as a life objective, since the frustration of the plans to consume it was identified as a motivation for suicidal acts. The social construction of romantic love and the imposition of marriage as a synonym for social respectability, which also reveals the gender stereotypes of a society, may have caused and may still cause pain, suffering and the wish for death.

Keywords: Suicide; Police investigations; Romantic love; Marriage; Gender stereotypes.

Expectativas de matrimonios frustrados y muerte suicida como resultado: análisis de investigaciones policiales sobre suicidios en la ciudad de Castro/Paraná a principios del siglo XX

RESUMEN

El matrimonio heteronormativo y monógamo con fines reproductivos fue entendido como una posibilidad de cambio de estatus en la ciudad de Castro/Paraná a principios del siglo XX. Además de la construcción social del amor romántico, hubo una búsqueda de la adecuación social con el matrimonio, a partir del cual las mujeres podían asumir el papel de esposas y madres respetables, y los hombres pasaban a ser considerados jefes de familia. El análisis de investigaciones policiales sobre suicidios presuntamente ocurridos en esa ciudad, en el período en cuestión, ayuda a reflexionar sobre el peso que tuvo el matrimonio como meta en la vida, ya que la frustración de los planes para consumarlo fue señalada como motivación para actos suicidas. La construcción social del amor romántico y la imposición del matrimonio como sinónimo de respetabilidad social, que también revela los estereotipos de género de una sociedad, pueden haber causado y pueden causar dolor, sufrimiento y deseo de muerte.

Palabras-clave: Suicidio; Investigaciones policiales; Amor romántico; Matrimonio; Estereotipos de género.



*Flôres que fenecem**[...]**De súbito, uma rajada de vento, tomada de inveja ao contemplar tanta ventura impetuosa e rápida como um raio, deita-as por terra, sem piedade.**O sol horrorizado procura esconder-se no horizonte para não presenciar cena tão desoladora.**Uma rola geme condoída pela triste sorte das duas flôres que jazem fenecidas; uma bem junto à outra.**A morte cruel, no afan de separa-las, uniu-as para sempre. lára.¹*

A prosa poética da qual o trecho acima foi extraído foi publicada na mesma edição do Castro Jornal que noticiou o duplo suicídio, em 1937, de Sebastião e Edith², a quem a homenagem era destinada. Há na escrita uma exaltação do romance, como se este fosse um invejado jardim onde flores, o jovem casal, desabrochavam. O amor romântico é exaltado na escrita, ao ponto de considerar que a morte não seria capaz de separar o jovem casal e, pelo contrário, o uniria na eternidade.

Problematizo nesse artigo a construção social do amor romântico, bem como as expectativas relativas ao casamento e analiso, tendo gênero como categoria de análise histórica (Scott, 1995), quatro inquéritos policiais por suicídios que foram encontrados no acervo da Casa de Cultura Emília Erichsen, da cidade de Castro/PR, referentes ao período de 1900 a 1940. Tais inquéritos foram selecionados para análise, pois para as testemunhas das investigações policiais essas mortes foram motivadas por rompimentos de relacionamentos que tinham como expectativa o casamento, o que possibilita pensar que as pressões sociais que colocavam o casamento como ideal a ser alcançado pode ter gerado sofrimento, dor e desejo de morte. Outras fontes, processos-crime e inquéritos policiais, localizadas no mesmo acervo contribuirão para a reflexão sobre a idealização do casamento para aquela sociedade, naquele período histórico.

Primeiro é importante pontuar que, ao ter o suicídio como tema de análise histórica é preciso ressaltar que se trata de uma história difícil, não apenas por referir-se ao tabu relativo a essas mortes que ainda se propaga na sociedade pró-vida, mas também pelas fontes lacunares que estão disponíveis. Obviamente toda fonte história sobre qualquer temática é lacunar e toda escrita histórica depende da interpretação de quem as analisa. No entanto, ao tratarmos do suicídio, as inquietações referentes às motivações para o ato veem à tona, como se a história do suicídio tivesse que dar conta de explicar as razões que levaram as pessoas a tirar a própria vida, e é aqui que a percepção das ausências nas fontes se intensifica. Os inquéritos policiais, por exemplo, reúnem relatos de testemunhas, de peritos e de policiais que constituem a percepção desses sujeitos sobre os eventos e, em alguns casos, estão anexados bilhetes ou cartas suicidas. Mesmo nos casos em que há bilhetes ou cartas não é possível chegar a uma verdade sobre as motivações, que são extremamente íntimas e dificilmente reveladas no todo,

¹ Castro Jornal. Edição de 24 de dezembro de 1937. Acervo do Museu do Tropeiro. Castro/PR.

² Inquérito Policial. Suicídio. Sebastião Moura e Edith Lopes. Acervo da Casa da Cultura Emília Erichsen (doravante denominada CCEE). Castro/PR. Caixa 1937.



por vezes, nem o próprio sujeito suicida tem essa compreensão ou consegue expressá-la. O que cabe à investigação histórica é trabalhar com as conjecturas que possibilitam interpretar a sociedade, seus anseios, suas idealizações e suas frustrações, que provocam em muitas pessoas o sofrimento e o desejo de morte.

Uma história do suicídio é possível, quando consideramos as emoções humanas expressas nas narrativas, pois elas são reveladoras de importantes aspectos sociais. Mais do que pensar a morte em si, pensa-se a vida e os sentimentos que a movem. Diferentes autores e autoras têm provocado reflexões a respeito das emoções como campo para a história. Ressalto aqui Arlete Farge (2015), para quem os temas mais estudados na história relacionam-se com o sofrimento, como as guerras, as epidemias, as revoluções, mas, ao mesmo tempo, a historiografia não o enuncia diretamente, não estuda o sofrimento como seu objeto. Sarah Ahmed (2017) compreende que as normas sociais se tornam afetivas ao longo do tempo; e Luc Capdevilla e Frédérique Langue (2014) clamam por uma história que produza sentido para as experiências vividas.

Isto posto, as narrativas encontradas nos quatro inquéritos policiais por suicídios que serão analisados aqui, por mais que não nos permitam chegar a conclusões definitivas sobre as motivações para que tais mortes ocorressem, permitem refletir sobre as aspirações sociais relativas aos relacionamentos amorosos, sobretudo ao anseio pelo casamento, visto que seus términos ou suas frustrações foram apontadas pelas testemunhas ouvidas durante as investigações como justificativas consideradas viáveis para os suicídios.

Quatro histórias de amor? Quatro histórias de morte...

Maria da Glória e Pedro...

Maria da Glória tinha apenas quinze anos e era uma menina pobre que vivia na casa de uma tia, para quem trabalhava nos afazeres domésticos.³ No dia onze de novembro de 1907 ela avisou a família que iria lavar roupa no rio e saiu. Passado um tempo, as crianças da casa foram atrás dela, mas não a encontraram e avisaram um de seus tios, que ao sair para procurá-la a encontrou enforcada em uma árvore. Ao ser interrogado pela polícia, o senhor João, o tio em cuja casa Maria da Glória morava, afirmou que ela “vivia satisfeita, sendo bem tratada, e ultimamente era um pouco nervosa, porque chorava às vezes, sem motivo algum”. Ao ser perguntado sobre uma possível motivação para o ato suicida, afirmou que julgava ser “por alguma comoção nervosa”. A preocupação foi ressaltar que ela era bem tratada na casa e que a família não havia dado motivos para a tristeza que ela sentia, e muito menos para o suicídio. Por outro lado, minimizar e, por vezes, desprezar os sentimentos de angústia das mulheres, das meninas ainda tão jovens como Maria da Glória, era comum.

Outros quatro homens foram chamados para testemunhar à polícia, três deles casados e um solteiro, todos lavradores que residiam na vizinhança. Os quatro fizeram questão de

³ Inquérito policial por suicídio. Maria da Glória. CCEE. Castro/PR. Caixa 1907.



afirmar o quanto Maria da Glória era “estimada, sendo bem tratada”, que “era estimada e vivia satisfeita”, em um aparente desejo de preservar a imagem e a honra da família do senhor João, diante daquele acontecimento. Mas Maria da Glória estava passando por algum problema que a deixava triste e a fazia chorar. Em seu depoimento para a polícia, a madrinha dela afirmou que “era uma moça muito boa”, mas que “há muito tempo tinha mania de se matar”, mas nunca dizia o motivo e afirmou que ela “era moça honesta”, o que naquele contexto significava ser virgem, e que nunca “viu nada contra ella”. Para a madrinha, sendo Maria da Glória uma moça honesta, não havia, então, motivos para querer morrer, pois adequava-se ao padrão de comportamento socialmente exigido. Esse mesmo pensamento é perceptível no relato de um dos vizinhos que afirmou que “no básico nada se falava contra os seus bons costumes, que era tida como moça honesta” e por isso ignorava o motivo de sua morte.

A jovem pobre que morava longe dos olhares do pai precisava manter uma conduta irrepreensível para adequar-se àquela sociedade. No entanto, o relato do jovem Manoel trouxe uma reviravolta para a história quando ele afirmou que

O motivo desse suicídio foi a deshonra dessa moça conforme passa a relatar. Que no domingo último pela manhã elle depoente sahiu a Cavallo, junto com Pedro Bernardes e foi a casa de Victor Mello. Que no caminho o dito Pedro contou a elle depoente dizendo que estava aperreado, pois havia tido relações sexoaes por diversas vezes com Maria da Glória e julgava que esta estava grávida e que por esse motivo elle Pedro tinha de ausentar-se do logar pela vergonha que tinha de passar. Que elle depoente ficou surprehendido.

O que surpreendeu Manoel? Maria da Glória ter tido relações sexuais antes do casamento ou Pedro abandonar a jovem ao saber que estava grávida ao invés de assumir a responsabilidade? Não é possível saber, mas fato é que Maria da Glória se viu grávida e sozinha em uma sociedade extremamente preconceituosa em relação a isso, e a morte pode ter lhe parecido uma saída viável para o problema que ela não sabia como solucionar.

Luciano e Diana...

Em 1912 Luciano se casou com Diana na cidade de Castro/PR⁴ e na primeira semana após a festa do casamento o casal ficou na casa da família da jovem. Passado esse tempo, o pai de Diana, a irmã e a empregada da família acompanharam o casal até à cidade vizinha onde iriam residir para ajudar na mudança. Na chegada, Luciano deixou a família na casa e se dirigiu ao bar para encontrar-se com os amigos. À noite, embriagado, retornou à casa e tentou matá-la, ameaçando com um revólver e tentando forçá-la a beber creolina. O pai e a empregada ouviram os gritos e correram para socorrê-la. Nhá Chica, a empregada, rapidamente escondeu o revólver, enquanto o senhor Leonardo tirava a filha de perto do genro. Passada a situação crítica, permaneceram na casa naquela noite vigiando Luciano, que adormeceu.

⁴ Inquérito policial por suicídio. Luciano Linard. CCEE. Castro/PR. Caixa 1912.



Diana, que tinha apenas 16 anos, e era comum casar-se muito jovem naquele contexto, tomou a decisão de retornar para a casa paterna, deixando o marido. Na manhã seguinte, seu pai havia levantado cedo e estava tomando café quando o genro acordou, e o senhor Leonardo ofereceu café a Luciano, que recusou, dando mais motivos para a indignação do sogro, que se sentiu desrespeitado e levou a filha de volta para casa. A partir desse momento começou uma troca de cartas entre Luciano, a sogra, o sogro e Diana, e foi através destes documentos, anexados ao inquérito policial, que temos tantas informações sobre o desenrolar da história.

É significativa a primeira carta, encaminhada a Luciano pela sogra, em resposta a seus apelos para que a esposa voltasse para casa. A mãe de Diana narrou os acontecimentos daquela noite para deixar evidente a Luciano o quanto ele foi desrespeitoso com o senhor Leonardo, sobretudo porque o envergonhou diante da empregada Nhá Chica. Para ela, o genro “não deveria fazer esse papel na frente da quella pessoa estranha e não devia deixar conhecer seu defeito”. A carta de dona Maria continua e ela afirma, sobre o que aconteceu com Diana, que “O senhor beim sabia que devia pegar ella com jeito e agradar para ella se acostumar. Se tivesse passado 2 – 3 mezes não fazia mal.” A primeira impressão que nos causa é de espanto ou indignação pela estarrecedora aceitação da mãe em relação à situação de violência vivenciada pela filha, pois ela afirma que o equívoco do genro foi agredir a filha na frente das pessoas e no primeiro dia que ela estava na casa, ou seja, a violência em si não foi condenada. É preciso considerar que Dona Maria, que tinha 40 anos na época, transmitiu em sua escrita aquilo que aprendeu ao longo de sua vida, que mulheres casadas deviam submissão a seus maridos, mesmo em situações de violência.

Luciano foi insistente, escreveu outras cartas para o sogro e para Diana, e como a jovem se manteve firme na decisão de não reatar o casamento ele escreveu uma última carta para ela:

Carambehy, 2 de março de 1912

Minha caríssima mulher

De certo amei vosse muito de mais que precisava por fazer me isso porque se agora matei-me é sua culpa disse tudo que precisava avise e tudo é ainda hoje recebi esta resposta então vosse quer ficar viúva, quer outro por ficar enganada outra vez e vossê está livre porque quando recebi a carta já esta viúva e esta livre de fazer o que quer. Mas se hoje 2 de março estou morrendo é so para vosse porque amei muito de mais que precisava e de certo porque vosse bem Nem é por louco eu não tenho culpa, pode se dizer que é a culpa dele mesmo e já sei que vosse não tem nada com isso.

Seu marido que amei vosse muito e que venha a morrer só pra vosse ficar livre e depois parece que é que quer.

Lembranças aos nossos dias do passado. Hoje de certo vou chegar na Castro (no cemitério).

Na primeira carta que escreveu para a família de Diana, Luciano havia reconhecido que era responsável por toda aquela situação, embora tenha culpado a bebida por suas atitudes violentas. Depois passou a culpar seu demasiado amor por todo aquele sofrimento, para então culpar Diana pela morte eminente. No dia 2 de março de 1912, no mesmo dia em que enviou a última carta à Diana, Luciano foi encontrado em sua residência ferido com um tiro na cabeça,



vindo a falecer no mesmo dia. Com ele foi encontrado um bilhete que dizia “Queridos pai e mãe. Hoje é último dia não espero até amanhã visto a resposta que recebi hoje mesmo não é minha culpa fiz o que podia. Vosso filho que ama todos como seus prantos mesmos. Adeus. Chegue hoje porque eu também já vou chegar.”

Edith e Sebastião...

Era a noite do dia 18 de dezembro de 1937 e na casa do senhor Vespasiano Carneiro de Mello acontecia uma festa. “Ele era o prefeito de Castro, portanto a festa era muito chique para a época, na casa do prefeito, eram só as pessoas da sociedade castrense que frequentavam”⁵. O senhor Eduardo José de Quadros, na atualidade homenageado como nome de rua na cidade de Castro/PR, ouviu um tiro e correu na direção da sala onde viu Sebastião caído ao chão e a jovem Edith pegando a arma que estava ao lado do corpo e, em seguida, disparando contra si mesma. A narrativa foi corroborada por outras testemunhas, o senhor Arthur Hugo Pusch, por exemplo, afirmou que estava no corredor quando viu Sebastião disparar a arma contra si mesmo e cair ao chão, e que se aproximou dele quando ouviu Edith disparar dois tiros. Arthur disse que viu Edith pegar a arma, mas que não pensou que ela tivesse a intenção de suicidar-se. A terceira testemunha, o senhor Rodolpho Iappe, afirmou o mesmo, que ouviu o tiro, viu Sebastião caído e viu Edith pegar a arma, mas “não podia prever que repetisse o mesmo acto”.⁶

Nada mais há no inquérito policial, pois como o duplo suicídio foi presenciado por várias testemunhas a polícia não prolongou a investigação nem fez muitos questionamentos. Em outros inquéritos, o conjunto de perguntas às testemunhas é mais extenso e entre elas está a indagação relativa aos possíveis motivos que levariam a pessoa a tirar a própria vida, mas nesse inquérito não há mais nada. O jornal local, além da publicação da prosa poética sobre o casal, já mencionada, noticiou a história alguns dias depois em uma extensa nota repleta de menções elogiosas, revelando a influência social das famílias envolvidas, “ambas as famílias tradicionais da sociedade castrense”:⁷

Falecimentos.

Sebastião e Edith

Tão inesperado e cruel foi o golpe que nos feriu, com o desaparecimento trágico de dois bons amigos: - Sebastião de Moura e Edith Lopes.

Ele, jovem de altas qualidades sociais, estudioso e aplicado, tendo já o curso de Bacharel pelo Ginásio Regente Feijó e cursando a Escola de Odontologia e Farmácia em Ponta Grossa, estimadíssimo em nosso meio, era filho do snr. José H. de Moura, cirurgião dentista nesta cidade, e de sua exma. Esposa d. Gelvira K. de Moura.

Ela, linda e boníssima, dona de uma grande distinção, vivia no coração da sociedade castrense, onde sempre predominaram seus dotes de bondade e beleza, filha do snr. Licínio Lopes e de sua esposa d. Aninha

⁵ Entrevista realizada pela autora com o senhor Mozar Tadeu Lopes no dia 22 de março de 2021. Castro/PR. O senhor Mozar é sobrinho de Edith Lopes.

⁶ Inquérito policial por suicídio. Sebastião Moura e Edith Lopes. CCEE. Castro/PR. Caixa 1937.

⁷ Entrevista com o senhor Mozar Tadeu Lopes realizada no dia 22 de março de 2021.



*Lopes.
Hontem namorados apaixonados.
Hoje unidos pela morte.
Esse o destino de duas almas amigas que fugiram para o além...⁸*

Interessante notar as distinções de gênero perceptíveis na narrativa, pois enquanto o rapaz foi exaltado por sua aplicação aos estudos na busca por uma profissionalização, ela é elogiada por sua bela aparência e por sua bondade. Os estereótipos de gênero que exigiam dos homens um ideal de masculinidade pautado na figura do trabalhador/provedor e das mulheres a passividade são reforçados na publicação que, assim como na prosa poética que os homenageia, romantiza o ocorrido, revelando que se tratava de um casal supostamente apaixonado. Nada há no inquérito policial, na nota jornalística ou na prosa poética que revele uma possível motivação para tal desfecho daquele relacionamento idealizado. Em entrevista realizada no dia 22 de março de 2021, o sobrinho de Edith, o senhor Mozar Tadeu Lopes, revelou que o fato causou imensa tristeza para a família da jovem, que era “uma moça linda, prendada, que só queria estudar”. Em seu relato afirmou que Sebastião queria casar-se, mas que “Edith queria, primeiramente concluir os estudos, terminar as aulas de piano, pintura, corte e costura, culinária, entre outras atividades que desenvolvia”. Na referida festa na casa do prefeito, Sebastião teria insistido novamente no casamento e ela então teria dito ser preferível terminar o namoro para que pudesse continuar com seus estudos. Revoltado e não aceitando o fim do relacionamento, Sebastião teria pego a arma e disparado, diante do que Edith teria se desesperado e repetido o ato. O senhor Mozar declarou que essas foram as informações passadas à família pelos amigos que haviam presenciado o duplo suicídio. Para a polícia resumiram suas narrativas ao essencial que comprovava o duplo suicídio, para a família apresentaram mais detalhes sobre o que aconteceu.

Edith, que tinha apenas 17 anos foi enterrada no cemitério municipal de Castro/PR e em sua lápide consta os dizeres “Edith Lopes * 23-07-1920 + 18-12-1937 O destino enviado por Deus é indecifrável. Em vida foste amada e na morte deixaste saudades. Imorredoura saudade de teus pais.” O túmulo passou por várias reformas e a lápide está muito bem conservada. Sebastião tinha 22 anos e foi sepultado no mesmo cemitério, na frente do túmulo de Edith. O túmulo não está tão preservado, apresentando musgos no concreto e sinais de deterioração nas imagens e na lápide, mas ainda é possível ler: “Sebastião de Moura 27-7-1915 + 18-12-1937 Imutáveis são as leis do creador saibamos compreendê-las para que aliviadas sejam as nossas dores”.

Elcídia, Valdomiro e Aristides...

*No dia 7 do corrente, às 21h, na rua Martins, suicidou-se por envenenamento, ingerindo forte dose de formicida, a doméstica de nome Elcídia de Oliveira Santos, solteira, com 18 anos de idade, natural de Piraí. Era filha do snr. Severiano de Oliveira Santos e d. Marcolina de Oliveira Santos, residentes no município de Piraí.
Pelas cartas deixadas e mais indícios, tem-se a conclusão de que os*

⁸ Castro Jornal. Edição de 24 de novembro de 1937. Acervo do Museu do Tropeiro. Castro/PR.



*motivos foram seus amores contrariados.
Foi aberto inquérito a respeito, na polícia local.⁹*

A história da jovem empregada doméstica não foi romanceada no jornal como a história de Edith. Foi publicada apenas uma nota que aponta para os “amores contrariados” como motivação da morte. Interessante pontuar que o relatório final da polícia no inquérito sobre o suicídio declara apenas que “por motivos ignorados suicidou-se”, sem nenhuma afirmação sobre tais amores, o que sugere que a interpretação sobre a motivação é de quem redigiu a nota ou de quem repassou a informação a ser publicada. Edith havia se matado após a morte do namorado e no imaginário expresso na prosa poética e na nota do jornal, significava que se uniriam em outra vida, eternizando um suposto amor. Mas, ao se referir à Elcídia, o jornal fez questão de afirmar o plural dos “amores contrariados” da jovem, em uma implícita crítica aos supostos sentimentos ou atitudes, que talvez não se encaixassem no que era considerado socialmente aceitável, tendo mais de um amor em sua vida.

Ao que as fontes indicam, Elcídia não parecia ter certezas em relação à ideia de um amor que deveria ser eternizado com um casamento. Os peritos a encontraram deitada na cama do seu “quarto de empregada”, com suas roupas simples, “um vestido de chita a fantasia de cor alaranjada, vestindo também um casaquinho de tecido preto”.¹⁰ Junto a ela foi encontrada uma carta:

Castro, 24 de outubro de 1940

Saudações

É com emenso prazer que pego na pena pr dar-te minha simpres e amável cartinha, qual meu pobre coração esta aqui e chama por tua causa.

Elçidia eu quero uma pequena faze, da tua para dizer ao meu serio pensamento porque honte você estava nervosa comigo, mãs eu não sei se era você ou a tua patroa que estava nervosa comigo, mais nervoso fiquei eu.

Erçidia peço pra você mandar a resposta, e você resolva o teu amor, que o meu esta resolvido. E se você quiser o casamento, você me escreva logo... (vire)

Que domingo eu vou falar com o teu cunhado.

No mais aceite muitas lembranças e fortes abraços.

Valdomiro Rodrigues da Silva...

A data da carta é de 14 dias antes da morte da jovem e ao testemunhar à polícia, o patrão de Elcídia afirmou que ela havia lhe dito que “era noiva de um soldado chamado Valdomiro de Tal e que sempre recebia carta do mesmo”, e que poucos dias antes do suicídio ela havia “queimado uma carta que o depoente não sabia o conteúdo”. Nada foi dito em relação ao encontro a que o rapaz se referiu na carta e que teria causado nervosismo nas pessoas, em Elcídia, em sua patroa e no próprio rapaz. No depoimento de outra testemunha chamada Rosa, possivelmente amiga de Elcídia, ela afirmou que a jovem “falava para todos que tinha vontade de se matar” e que ela lhe contou que “tinha um namorado que se chamava Aristides que era soldado do segmento dessa cidade”.

⁹ Castro Jornal, X Ano, Número 493, 09 de novembro de 1940. Acervo do Museu do Tropeiro. Castro/PR.

¹⁰ Inquérito policial por suicídio. Elcídia de Oliveira Santos. CCEE. Castro/PR. Caixa 1940.



Estaria Elcídia namorando Aristides enquanto estava noiva de Valdomiro? Isso seria considerado um escândalo naquele contexto. Estaria sendo pressionada a se casar com Valdomiro e não queria isso para sua vida, embora as jovens fossem educadas para o casamento? As dúvidas de Elcídia podem ter motivado a expressão de Valdomiro na carta: "E você resolva o teu amor, que o meu esta resolvido". A dúvida em relação aos relacionamentos teria angustiado tanto a jovem que a fazia falar em desejo de morte?

Valdomiro foi também ouvido pela polícia e em sua longa narrativa declarou que conhecia Elcídia desde criança, quando ambos residiam em Piraí, cidade vizinha a Castro/PR, e que se distanciaram com o tempo, vindo a se encontrar novamente em Castro quando o rapaz se alistou no exército. Começaram um namoro, trocando correspondências e "que era intenção do declarante assim que obtivesse baixa do serviço militar contrair matrimônio com a vítima", mas que haviam rompido o namoro por vontade dela. As intenções do jovem pareciam coniventes com o modelo esperado, o casamento com uma jovem que conheceu na infância depois de um aparentemente recatado namoro por correspondência, mas ela não quis levar aquela história adiante.

A carta de Valdomiro pedindo que resolvesse seu amor e se casasse com ele estava com Elcídia na hora da morte, revelando que aquelas palavras, aquele relacionamento e/ou Valdomiro eram significativos para ela. Estaria arrependida de não aceitar o pedido de casamento? Teria rompido com Valdomiro por uma paixão por Aristides e essa outra relação não teria dado certo? Sentia-se pressionada a decidir entre um e outro e não conseguia ou não queria fazê-lo? Impossível saber, mas os amores contrariados foram apontados como motivação para a sua morte.

Considerações sobre a construção social do amor romântico e sobre as perspectivas de casamento no contexto de Castro/PR no início do século XX

As fontes indicam que Sebastião e Luciano não aceitaram que Edith e Diana tenham decidido pelos rompimentos dos relacionamentos, a primeira porque queria continuar a estudar e, por isso, não queria se casar tão cedo, e, a segunda, porque não aceitou se submeter a situações de violência doméstica. Maria da Glória possivelmente entendeu que a gravidez fora do casamento a colocaria em uma situação vexatória, que acarretaria discriminações e muitas dificuldades em sua vida, enquanto Elcídia parecia estar cheia de dúvidas em relação ao que ela mesma sentia e queria para sua vida. Suas histórias, ao serem analisadas, ao serem objeto de nossa reflexão, ajudam a problematizar a idealização dos romances e do casamento, bem como os estereótipos de gênero, cultural e historicamente construídos, vivenciados na cidade de Castro/PR do início do século XX.

Coral Herrera Gómes (2010) problematiza a construção social do amor romântico e afirma que:



O amor romântico tem sido vendido à população moderna durante dois séculos como o estado civil ideal cujo lógico fim é a formação de uma família nuclear tradicional (Gómez, 2010, p. 111).¹¹

A autora ressalta as influências de tais idealizações nas estruturas econômicas e políticas da sociedade ocidental. Para ela, o amor romântico tornou-se um eficaz instrumento de controle social que perpetua o patriarcado e a ideia de família nuclear, aquela formada por pai, mãe e prole. O amor romântico seria uma forma de consolidar uma ordem social pautada em amores heteronormativos com fins reprodutivos tornando outras formas de amar, como o amor livre, o amor homossexual ou entre classes e raças distintas, ilegais ou subversivas. A instituição da necessidade do romance que leva à constituição familiar nuclear fomenta o que a autora chama de indústria do amor que lucra muito com isso, influenciando, portanto, a economia.

Tal perspectiva tem avançado e a idealização dos romances, heteronormativos ou não, continua movimentando o comércio, o que justifica, por essa lógica, sua perpetuação. A importante questão a ser pensada em relação a essa necessidade construída socialmente do amor romântico refere-se ao modo como tem afetado a vida em termos emocionais, a ponto de entenderem que a vida perde o sentido quando ocorre uma frustração romântica ou uma frustração das expectativas de vida a dois social e culturalmente estabelecidas como fundamentais. Os casos de suicídios selecionados para análise nesse artigo permitem pensar na gravidade da imposição desses ideários de relacionamentos que, ao não serem alcançados, causam dor e sofrimento, pois as pessoas não conseguem vislumbrar felicidade ou realização pessoal fora deles.

Pensar gênero como um elemento que constitui as relações de poder (Scott, 1995), ainda que ele não seja o único ou o primeiro a fazer isso é fundamental, pois ao pensarmos o contexto da cidade interiorana de Castro/PR do início do século XX, percebemos como a idealização de relacionamentos monogâmicos heteronormativos eram considerados relevantes para aquela sociedade e em como contribuíam para a determinação de papéis sociais distintos para homens e mulheres. A pesquisa no acervo do arquivo público da cidade de Castro/PR possibilitou localizar um conjunto documental significativo, entre processos criminais, sobretudo os relacionados com crimes de ordem sexual, e inquéritos policiais por suicídio, que possibilitam refletir sobre os costumes, as práticas cotidianas, os desvios de conduta, as desavenças ou as situações de violência e sofrimento. As narrativas presentes nessa documentação, sejam elas produzidas por policiais, juízes, advogados ou promotores – e deixo aqui no masculino, pois não havia nas fontes em questão nenhuma policial feminina, juíza, advogada ou promotora – ou por réus/rés, vítimas e testemunhas, apresentam concepções sobre moralidade, honra, masculinidades e feminilidades, expressando o entendimento das condutas culturalmente aceitas, bem como dos anseios por adequação social ou por rompimento com as normas instituídas.

¹¹ "El amor romántico se ha vendido a la población moderna durante dos siglos como estado civil ideal cuyo lógico fin ha sido la formación de una familia nuclear tradicional." (tradução minha).



Ao analisar, por exemplo, alguns casos de suicídios de mulheres que sofreram violência doméstica, tornou-se perceptível que as testemunhas dos inquéritos policiais compreendiam que, mesmo sofrendo agressões verbais, morais e/ou físicas de seus maridos, elas não deviam reclamar e precisavam conformar-se às situações de violência, sobretudo quando os maridos eram apontados como os provedores dos lares e não deixavam faltar nada material para as famílias. Assim, Marceliana teria cometido suicídio após anos de agressões físicas que sofria, perpetradas por seu marido; Olinda teria se matado depois de sofrer com as traições do marido e Maria após agressões verbais e físicas que lhe eram direcionadas constantemente pela enteada e pelo esposo.¹² As testemunhas desses inquéritos reforçaram em suas narrativas que os homens em questão proviam os lares com o necessário para as famílias e que aconselhavam as mulheres a permanecerem naqueles relacionamentos. Temos com isso a compreensão de que aquela sociedade estipulava a submissão e a dependência como características exigidas para as mulheres, enquanto para os homens se exigia o trabalho e a capacidade de prover a família.

Entre os casos de suicídios de homens localizados no arquivo, os casos de doença, velhice, desemprego ou endividamento prevaleceram, revelando que perder a capacidade laboral e, por consequência, as possibilidades de cumprir o papel de provedor da família pode ter feito com que homens sofressem por não conseguirem mais se adequar aos padrões comportamentais de masculinidades que eram exigidos e aos quais estavam acostumados. Liberato, por exemplo, cometeu suicídio após uma demissão, Roque porque a doença não permitia que trabalhasse e Miguel tentou o suicídio porque sentia-se velho e “sem serventia”.¹³ Para Robert Raewyn Connel e James Messerschmidt (2013), as masculinidades constituem, em contraponto com as feminilidades e naquele contexto de Castro/PR, as pressões sociais de gênero que exigiam submissão para as mulheres, inclusive em situações de violência e de dominação e responsabilidade financeira para os homens, podem ter sido estopins para angústias diversas que podem ter provocado o desejo de morte e a morte suicida.

O casamento monogâmico e heteronormativo pode ser interpretado como uma dinâmica social que oprimia tanto homens como mulheres? O que fazia então com que ele continuasse a ser almejado? Primeiro, não podemos nem pretendo afirmar que todas as relações eram de violência, nem que todas as pessoas seguiam esse padrão comportamental, pois é sabido que em todas as sociedades e tempos históricos, sujeitos diversos romperam com as dinâmicas e com as expectativas sociais. Segundo, é preciso pensar na naturalização dos estereótipos de gênero e na internalização dessas práticas sociais que conferiam a elas certa obviedade. Não era o discurso de subserviência ou de obrigação financeira que movia mulheres e homens a almejarem os relacionamentos que conduziriam ao casamento monogâmico heteronormativo, mas o *status* social que o casamento lhes conferiria. As narrativas de romances ficcionais, evidentemente, podiam corroborar as expectativas, atuando

¹² Inquérito policial por suicídio. Marceliana Nunes de Moraes. CCEE. Castro/PR. Caixa 1915; Inquérito policial por suicídio. Olinda Ayres. CCEE. Castro/PR. Caixa 1915. Inquérito policial por suicídio. Maria Amália Marcondes Rocha. CCEE. Castro/PR. Caixa 1926.

¹³ Inquérito policial por suicídio. Liberato Cassimiro do Amaral. CCEE. Castro/PR. Caixa 1895. Inquérito policial por suicídio. Roque Cariffo. CCEE. Castro/PR. Caixa 1908. Inquérito policial por tentativa de suicídio. Miguel Freske. CCEE. Castro/PR. Caixa 1925.



como estímulos para sonhos de relacionamentos idealizados, mas as práticas sociais sugerem que mais do que vivenciar uma grande paixão, as pretensões seriam de adequação social.

Em diferentes casos de defloração, definido pelo artigo 267 do Código Penal brasileiro de 1890 como o ato de tirar a virgindade de “uma mulher de menor idade, empregando sedução, engano ou fraude”, as vítimas declararam que acreditaram em promessas de casamento e por isso aceitaram manter relações sexuais com os acusados.¹⁴ Entre os casos analisados encontramos jovens que queriam deixar a casa paterna em que havia situações de violência, que eram órfãs e precisavam trabalhar em casas de famílias mais abastadas para sobreviver, ou que foram criadas apenas pela mãe, que precisou assumir o papel de provedora em uma sociedade que discriminava mulheres que engravidavam fora do casamento. Os referenciais familiares nesses casos não parecem motivadores para a busca de um casamento, no sentido de expressarem relacionamentos felizes pautados nos modelos ideais do amor romântico. No entanto, o casamento poderia ser visto como uma estratégia de mudança social, não necessariamente em termos econômicos, mas em termos de segurança ou reconhecimento social. Para as jovens que não tinham uma família considerada socialmente adequada, querer constituir uma para si e, então, sentirem-se socialmente aceitas poderia parecer viável. Para jovens que precisavam trabalhar pela sobrevivência e que acompanharam o sofrimento das mães para sustentarem sozinhas as famílias vivenciando discriminações e preconceitos, constituir uma família onde haveria a figura de um protetor/provedor, poderia ser considerado melhor do que a situação em que se encontravam. Essas expectativas poderiam ser reforçadas pelas narrativas de contos e romances literários, pois embora não tenha elementos nas fontes selecionadas que indiquem tal influência de forma direta, a prosa poética cujo trecho foi citado no início desse artigo é um indicativo de que histórias assim circulavam entre a população.

A idealização do casamento representava um dado a mais do que a mera união de duas pessoas por laços afetivos, aliás, a afetividade e o amor não precisavam ser, necessariamente, componentes sempre presentes. O casamento, que possibilitava a instituição de uma família nuclear, tradicional, instituía aos sujeitos, tanto ao marido quanto à esposa, traços de respeitabilidade social, sobretudo, quando era legitimado pela igreja com o sacramento do matrimônio. Evidentemente, as condições econômicas da população nem sempre permitiam uma formalização do casamento que exigia recursos financeiros, nem sempre disponíveis e havia casais que se uniam sem essa institucionalização religiosa. Rangel Cerceau Netto (2008) e Eni de Mesquita Samara (2002) exploram essa questão, refletindo sobre os concubinatos no Brasil. Vânia Nara Pereira Vasconcelos (2017) escreve sobre casamentos de contrato, sem validade jurídica, que eram realizados em uma comunidade baiana por uma casamenteira. A idealização do casamento formalizado e da constituição de uma família tradicional tinha o significado de mudança de *status* social, pois com ele os homens tornavam-se as figuras de maior autoridade em suas casas, passando à condição de chefes das famílias, enquanto as mulheres, ao se casarem, assumiam o papel social de esposas e mães, ambas atuações

¹⁴ Processo crime por defloração. Lucia Maria Novaes. CCEE. Castro/PR. Caixa 1906. Processo crime por defloração. Mécia Martins de Oliveira. CCEE. Castro/PR. Caixa 1914. Processo crime por defloração. Escolástica Maria Pedroso. CCEE. Castro/PR. Caixa 1904.



consideradas dignas de respeito, ainda que tal respeito fosse dirigido ao marido, ao homem da casa, e não necessariamente a elas.

Para as famílias, o casamento de um filho ou filha significava também uma desoneração, no sentido de que seria uma pessoa a menos a ser sustentada pelo chefe da família. No caso das filhas que se casavam, elas eram uma responsabilidade a menos para o pai, que devia vigiar, pela manutenção da honra familiar fiscalizando o comportamento da jovem, sobretudo em termos sexuais. O casamento era, portanto, um contrato social interessante para as famílias dos casais e para os casais, que passavam a outro patamar social. O romance podia até ser almejado, mas um casamento, com ou sem essa experiência, era entendido como objetivo fundamental da vida adulta. A não realização de tal objetivo poderia causar grande frustração e sentimento de inadequação social.

Quando Edith se recusou a casar porque queria estudar, ela afrontou uma expectativa social relativa a ela. Sebastião, que possivelmente entendia que Edith deveria sentir-se feliz por ter encontrado um noivo que lhe possibilitaria um casamento idealizado pela sociedade, pode ter se sentido confuso por um lado e humilhado, por outro, pois a mulher estaria assumindo uma autonomia não esperada. O mesmo raciocínio é válido para Luciano que, pelo que as fontes sugerem, não conseguia admitir a atitude de Diana de não retornar para casa, por não querer se submeter a um casamento que poderia acarretar mais situações de violência. Edith e Diana foram jovens que subverteram os estereótipos de gênero, esperando mais para suas vidas do que a mera adequação social. Sebastião e Luciano assumiram para si os estereótipos de masculinidade instituídos e podem ter sentido, com a recusa das jovens de prosseguir com os planos de casamentos, a frustração por terem seus anseios de se tornarem chefes de família inviabilizados, mas, sobretudo, foram expostos diante da sociedade como aqueles cujas mulheres não foram subservientes. Tal condição não deve ter sido fácil de aceitar para os jovens que, ao que tudo indica, concordavam com os estereótipos de gênero socialmente construídos, que exigiam dos homens dominação e das mulheres dependência.

As histórias de Elcídia e de Maria da Glória precisam ser analisadas considerando também a questão de classe, pois as fontes sugerem que eram meninas pobres que precisavam trabalhar, e por isso não residiam junto a seus pais e mães. Elcídia pode ter sentido as pressões sociais para que se casasse, pois para a época isso seria um objetivo a ser almejado por uma jovem que precisava trabalhar como empregada doméstica para sobreviver. O casamento poderia a tirar daquela situação, mas ao que parece ela não tinha certeza de que era isso que queria para sua vida, ou estava confusa em relação ao que sentia por Valdomiro e por Aristides. Maria da Glória, por sua vez, pode ter acreditado em promessas de casamento feitas por Pedro, e pode ter sonhado com o casamento com ele e com uma vida onde seria a esposa e a mãe, e não a sobrinha que vivia de favor na casa do tio, ou pode apenas ter se deixado conduzir por seus desejos. Contudo, a gravidez fora do casamento pode ter feito com que entendesse que teria que enfrentar preconceitos e discriminações, que seriam difíceis de suportar.

Coral Herrera Gómez (2010, p. 257) defende que as emoções humanas podem ser construídas socialmente, culturalmente aprendidas. Para ela, "o amor e a sexualidade humana são construções sociais porque são definidas e reguladas por normas, costumes, tabus,



proibições e preconceitos”.¹⁵ Concordo com a autora, pois as pessoas aprendem, em suas culturas, que determinadas sensações e relações são consideradas boas ou ruins. Na busca por adequação, passam a buscar o que é entendido como ideal pelo grupo a que pertencem ou ao qual querem pertencer. Tal constatação não significa uma negação da existência das paixões ou do amor como experiência possível, mas trata-se de admitir que regras sociais são criadas estipulando tipos de relacionamentos idealizados e fazem com que pessoas passem a inibir determinados desejos ou sentimentos e a fomentar outros. Para a sociedade de Castro/PR do início do século XX, o casamento monogâmico e heteronormativo com fins de procriação era incentivado e almejado.

O amor romântico, ao ser propagado como ideal de felicidade e o casamento heteronormativo e monogâmico apresentado como a via de adequação e respeitabilidade social instituem modelos de ser, de sentir e de se relacionar que não são viáveis ou possíveis para todas as pessoas. Quando as sociedades insistem em fomentar tais perspectivas de relacionamentos provocam sentimentos conflituosos em muitas pessoas que podem se sentir socialmente inadequadas, incompetentes em termos de manutenção de relacionamentos, menosprezadas em relação a outros sujeitos e incapazes de experimentar a felicidade e a realização pessoal por outras vias.

A análise das quatro histórias de relacionamentos que acabaram em suicídios no início do século XX em Castro/PR não nos permite afirmar que foram os sofrimentos causados pelas rejeições de seus pares românticos que motivaram as mortes, ou se foram os desejos de causar sofrimento nas pessoas que não permitiram que as pretensões de casamentos fossem vivenciadas. É possível e muito provável que outras questões subjetivas tenham provocado os desejos de morte, pois há lacunas nas fontes, referentes aos casos de suicídios, o que permite apenas conjecturar em torno dessas histórias. No entanto, ao analisar as narrativas das testemunhas nesses casos que apontaram os rompimentos dos relacionamentos como causa provável, mostrando que entendiam tal condição como justificativa viável para a morte suicida, percebo a dimensão, a relevância que tais relacionamentos tinham naquela sociedade, bem como a nocividade da exigência de que as pessoas amassem e se relacionassem de determinada maneira. Não se tratava necessariamente de histórias de amor e muito menos de morrer por amor, eram histórias de anseios por adequação social e de sofrimentos e mortes causadas por pressões sociais para adaptação aos estereótipos de gênero.

Referências Bibliográficas

Ahmed, S. (2017). *La política cultural de las emociones*. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

Capdevila, L. & Langue, F. (Org.) (2014). *Le passé des émotions. D'une histoire à vif. Amérique Latine et Espagne*. Rennes: PUR.

¹⁵ “el amor y la sexualidad humanas son construcciones sociales porque están definidas y reguladas por normas, costumbres, tabúes, prohibiciones, y prejuicios.” (tradução minha)



Connel, R. W. & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21 (1), 241-282.

Farge, A. (2015). *Lugares para a História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Gómez, C. H. (2017). *La construcción sociocultural del amor romântico*. Madrid: Editorial Fundamentos.

Netto, R. C. (2008). *Um em casa de outro: concubinato, família e mestiçagem na Comarca do Rio das Velhas (1720-1780)*. São Paulo: Annablume.

Samara, E. M. (2002). O que mudou na família brasileira (da colônia à atualidade). *Psicologia USP*, 13 (2), 27-48.

Scott, J. W. (1995, julho a dezembro). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 16 (2), 5-22.

Vasconcelos, V. N. P. (2017). *‘É um romance minha vida’: Dona Farailda – uma casamenteira no sertão baiano*. Salvador: EDUFBA.

Recebido em: 12 de fevereiro de 2022

Aprovado em: 22 de outubro de 2022

